

NA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA

11

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

ABR 2016

ISSN: 2183-0924

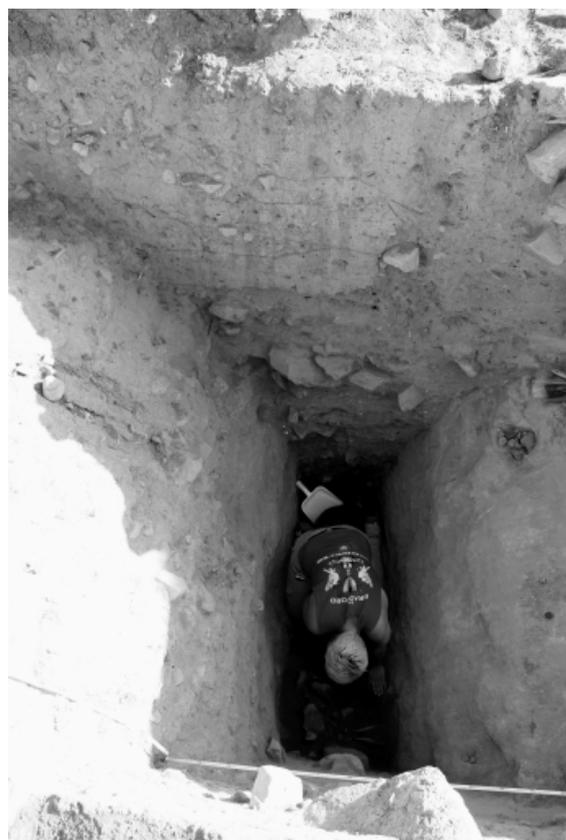
APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

11

ABRIL

2016



ÍNDICE

EDITORIAL 07

António Carlos Valera
 NOTA SOBRE UMA DECORAÇÃO INCOMUM NUM
 RECIPIENTE DOS PERDIGÕES 09

António Carlos Valera, Ever Calvo e Patrícia Simão
 ENTERRAMENTO CAMPANIFORME EM FOSSA DA
 QUINTA DO CASTELO 1 (SALVADA, BEJA) 13

Lucy Shaw Evangelista, Miguel Lago e Lúcia Miguel
 A ANTA DOS ENXACAFRES NO CONTEXTO DO
 MEGALISTISMO DA REGIÃO DE GRÂNDOLA E
 SANTIAGO DO CACÉM: UMA PRIMEIRA NOTA 21

Margarida Mendonça e António Faustino Carvalho
 A COMPONENTE EM PEDRA LASCADA DOS
 MONUMENTOS FUNERÁRIOS 1 E 2 DO
 COMPLEXO ARQUEOLÓGICO DOS PERDIGÕES
 (REGUENGOS DE MONSARÁZ) 33

Eliana Goufa e Francisco Rosa Correia
 A INDÚSTRIA LÍTICA DO CASTRO DA COLUMBEIRA
 (BOMBARRAL, PORTUGAL): DADOS PRELIMINARES
 E PERSPECTIVAS FUTURAS 47

Rui Ramos
 QUINTA DE SÃO LOURENÇO 2:
 UM SÍTIO DE FOSSAS NO CONCELHO DE BRAGANÇA 53

Elisa de Sousa e Marina Pinto
 A OCUPAÇÃO DA IDADE DO FERRO NA COLINA
 DO CASTELO DE SÃO JORGE (LISBOA, PORTUGAL):
 NOVOS DADOS DAS ESCAVAÇÕES REALIZADAS
 NA RUA DO RECOLHIMENTO / BECO DO LEÃO 59

Elisa de Sousa, Alexandre Sarrazola e Inês Simão
 LISBOA PRÉ-ROMANA: CONTRIBUTOS DAS
 INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA
 RUA DA MADALENA69



EDITORIAL

O presente volume da “Apontamentos” volta a juntar artigos produzidos no âmbito da investigação realizada pelo NIA-ERA, artigos resultantes de trabalhos levados a cabo pelo departamento técnico da ERA e artigos derivados de colaborações externas. Textos que expõem resultados de trabalhos de campo, de investigação e de trabalhos académicos de estudo de colecções artefactuais.

Num tempo em que muitos se deixam aprisionar pelo sistema de publicações arbitradas e indexadas, na busca dos “pontos” que permitam vingar no terreno altamente competitivo em que a investigação hoje vive, pequenos e despreziosos projectos como este continuam a publicar informações e ideias úteis, revelando que há espaço, diria mesmo que há necessidade, para uma pluralidade editorial. Tal utilidade aparece bem representada, por exemplo, na expressão que a “Apontamentos” já conseguiu atingir, visível no número de consultas, “downloads” e citações, tanto a nível nacional como internacional.

Continuamos, pois, seguros que com este contributo editorial não só estamos a cumprir com uma obrigação inerente à nossa actividade, mas também a concorrer para um ambiente de maior diversidade e liberdade, essencial para o desenvolvimento de qualquer ciência e área profissional.

António Carlos Valera

LISBOA PRÉ-ROMANA: CONTRIBUTOS DAS INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA RUA DA MADALENA

Elisa de Sousa¹
Alexandre Sarrazola²
Inês Simão²

Resumo:

Escavações arqueológicas recentemente realizadas na Rua da Madalena, em Lisboa, pela empresa Era-Arqueologia S.A., revelaram uma série de vestígios passíveis de serem associados à ocupação sidérica da antiga Olisipo. Durante a intervenção foram identificados pequenos segmentos de estruturas de alvenaria, associados a níveis estratigráficos conservados que continham um pequeno mas interessante conjunto artefactual. Este é composto por ânforas, cerâmica de engobe vermelho, cerâmica cinzenta, cerâmica pintada e vasos de cerâmica comum, cujas características morfológicas apontam para uma cronologia centrada em momentos avançados do século VI e da primeira metade do século V a.C. Este artigo centra-se no estudo destas evidências e na sua integração no quadro da ocupação da Idade do Ferro deste importante núcleo de povoamento que subjaz ao actual centro histórico da cidade.

Abstract:

Pre Roman Lisbon: contributions of the archaeological interventions in Rua da Madalena.

Recent archaeological excavations carried out in Rua da Madalena, in Lisbon, by Era-Arqueologia S.A., revealed elements that can be associated with the Iron Age occupation of the ancient Olisipo. During the fieldwork were identified small segments of stone structures, associated with primary stratigraphic levels that contained a small but significant set of artifacts (amphorae, red slip ware, gray ware, painted pottery and common ware), whose morphological features suggest a chronology between the late 6th and the first half of the 5th century BC. This article focuses on study of this evidence and its integration within the framework of the Iron Age occupation in this important settlement that lies under the present city center.

1. Introdução

Na sequência do projecto de reabilitação do edifício situado no n.º 54-60 da Rua da Madalena, na baixa de Lisboa, foram efectuadas, em 2013, uma série de sondagens arqueológicas a cargo da empresa Era-Arqueologia S.A., sob a direcção de dois dos signatários (Alexandre Sarrazola e Inês Simão). Neste âmbito, realizaram-se oito sondagens manuais, que totalizam 18m² de área total intervencionada, cuja profundidade se encontrava previamente condicionada à cota de afectação da obra (cerca de 0,80 m).

No decurso destes trabalhos foi possível identificar vestígios de algumas das fases antigas da ocupação da antiga cidade de Lisboa, concretamente do período romano-imperial e da Idade do Ferro. Em relação ao primeiro, deve destacar-se a identificação de uma cetária, que provavelmente teria

integrado o núcleo identificado na Rua dos Bacalhoeiros (Fernandes *et al.*, 2011). Da Idade do Ferro, reconheceram-se algumas estruturas de alvenaria, associadas a níveis de ocupação conservados, cuja análise constitui o foco principal deste trabalho.

2. Evidências da ocupação da Idade do Ferro

A metodologia utilizada no decurso da escavação das sondagens efectuadas na Rua da Madalena seguiu os princípios de estratigrafia propostos por P. Barker e E. Harris. A escavação estendeu-se, em profundidade, apenas até à cota de afectação da obra (cerca de 0,80 m), com a excepção da sondagem 8 (cerca de 1,70 m) e de duas sondagens geotécnicas, não tendo sido possível atingir o substrato geológico em nenhuma das áreas intervencionadas.

Os vestígios arqueológicos referentes à ocupação da Idade do Ferro foram detectados em seis das oito sondagens realizadas, concretamente nas sondagens 1, 2, 5, 6, 7 e 8.

¹ Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (e.sousa@campus.ul.pt)

² Era – Arqueologia, S.A. (alexandresarrazola@era-arqueologia.pt, inessimao@hotmail.com)



Figura 1 - Localização de Lisboa no actual território português (base cartográfica de V. S. Gonçalves).



Figura 2 - Localização da área intervencionada.

Nas restantes sondagens, 3 e 4, não foi possível identificar nem estruturas nem artefactos que se possam associar a essa ocupação. No primeiro caso, a escavação foi interrompida ao ter-se detectado uma estrutura de argamassa e blocos pétreos, possivelmente datável do período moderno ou mesmo contemporâneo. Na sondagem 4, a identificação do já referido tanque de salga, revestido com opus signinum, e ainda de outras estruturas de cronologia romana, condicionaram a escavação deste espaço, tendo-se optado pela sua conservação, o que inviabilizou a eventual caracterização de vestígios de ocupação mais antigos.

2.1. Sondagem 1

Na sondagem 1, sob o nível de preparação do piso do edifício actual, detectou-se uma estrutura composta por tijolos maciços dispostos em cutelo ligados por argamassa que, atendendo ao aparelho, corresponde provavelmente a uma construção recente, ainda que não tenha sido possível datá-la com maior precisão.

No entanto, na área norte desta sondagem, e a uma cota ligeiramente inferior, surgiu um outro muro, de alvenaria, constituído por blocos calcários ligados por um sedimento de cal e areia, de orientação E/O, que parece corresponder a um elemento arquitectónico da Idade do Ferro. Com efeito, a esta estrutura apoiavam-se dois estratos (U.E. [104] e [105]) que forneceram exclusivamente materiais de cronologia sidérica, concretamente fragmentos de ânforas, de recipientes tipo pithoi, cerâmica de engobe vermelho, cerâmica cinzenta, e cerâmica comum.

2.2. Sondagem 2

A sondagem 2, posteriormente subdividida em duas áreas (2A e 2B) devido à presença de uma parede do edifício actual, proporcionou também alguns vestígios associáveis a uma ocupação de cronologia sidérica.

Na sondagem 2A foi identificado um aglomerado de blocos calcários que provavelmente correspondiam a um estrato de derrube (U.E. [211]), coberto por um outro nível (U.E. [212]) que poderá ser também datado da Idade do Ferro, ainda que tenha proporcionado apenas alguns fragmentos de vasos de tipo pithoi.

Na sondagem 2B a escavação revelou uma estrutura de alvenaria, de orientação NE-SO, constituída por blocos de calcário e arenito ligados por um sedimento argiloso, que era coberta pela U.E. [210]. Este último estrato proporcionou também alguns materiais de cronologia pré-romana, concretamente fragmentos de cerâmica de engobe vermelho, ânforas, recipientes tipo pithoi e cerâmica comum. É provável que o derrube identificado na sondagem 2A (U.E. [211]) se relacione com o colapso desta estrutura.

Deve ainda referir-se que nos níveis de revolvimento localizados nos estratos superiores desta sondagem foi possível também recolher alguns fragmentos cerâmicos associáveis à ocupação da Idade do Ferro.

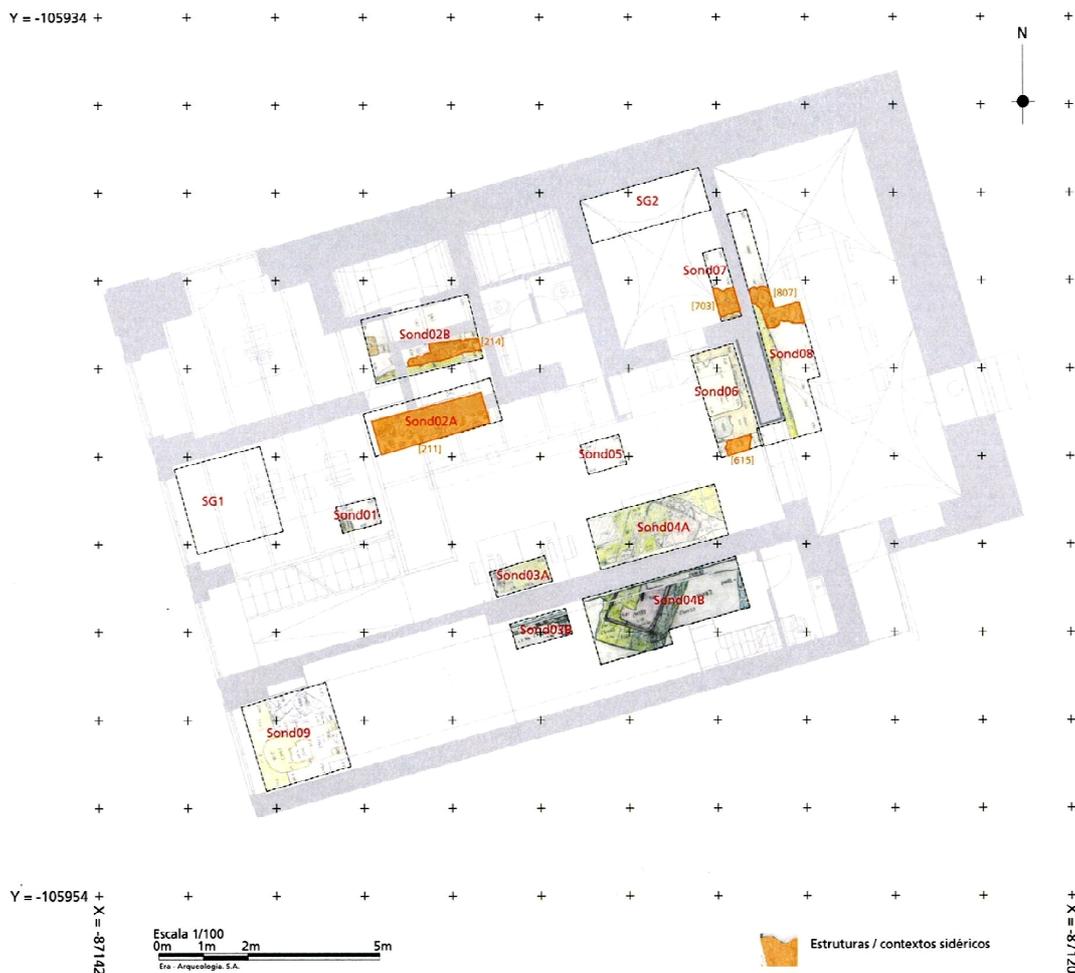


Figura 3 - Planta da área intervencionada com indicação das várias sondagens.

2.3. Sondagem 5

Na sondagem 5 registaram-se apenas dois níveis de aterro, U.E.s [501] e [502], mais recentes, tendo o último sido formado provavelmente durante a época romana imperial. Apesar de esta sondagem não ter proporcionado níveis conservados da Idade do Ferro, alguns materiais desta cronologia foram identificados nestes estratos, juntamente com outros de fase romano-republicana.

2.4. Sondagem 6

Na sondagem 6, sob um dos alicerces do edifício actual, identificou-se o topo de uma outra estrutura (U.E. [615]), de orientação NE/SO, constituída por blocos calcários ligados por um sedimento argiloso de tonalidade acastanhada. É possível que esta estrutura fosse servida por um pavimento constituído por terra batida e argila (U.E. [608]), cujos materiais associados, concretamente cerâmica cinzenta e fragmentos de recipientes tipo pithoi, remetem também para a Idade do Ferro.

2.5. Sondagem 7 e 8

Na sondagem 7 e 8, divididas por apenas uma parede do edifício actual, identificou-se, uma vez mais, a presença de uma estrutura de alvenaria (U.E. [703=807]), de orientação

E/O, constituída por blocos calcários ligados por um sedimento argiloso castanho-esverdeado. Deve assinalar-se que um dos elementos pétreos desta estrutura exhibia dois pequenos orifícios, de formato circular, que se poderia eventualmente relacionar com uma área de entrada, não se negando, contudo, a possibilidade de corresponder a uma outra tipologia de objecto que possa ter sido posteriormente reaproveitada nesta construção.

Esta realidade documentada na sondagem 7 e 8, e coberta pela U.E. [805], relaciona-se, muito provavelmente, com um único ambiente construído e ocupado durante a Idade do Ferro, ao qual se poderia também relacionar o muro identificado na sondagem 6. Em associação a esta estrutura documentaram-se alguns níveis, que correspondem, provavelmente, aos estratos de ocupação deste espaço

(U.E. [704], [806], [809], [810], [811], [812], [813] e [814]), cujos materiais confirmam uma cronologia pré-romana.

3. O conjunto artefactual da Idade do Ferro

O conjunto dos materiais arqueológicos da Idade do Ferro recolhidos no decurso das escavações realizadas na Rua da Madalena, e actualmente depositados nas instalações do Centro de Arqueologia de Lisboa (CAL)³, constituem um espólio pequeno mas significativo, sendo composto exclusivamente por fragmentos cerâmicos fabricados a torno. Integram quatro categorias, concretamente ânforas, cerâmica de engobe vermelho, cerâmica cinzenta e cerâmica comum e pintada.

3.1. Ânforas

Entre os contentores anfóricos contabilizam-se apenas três fragmentos de bordo.

Destes, dois (n.º 1 e n.º 9) enquadram-se no Tipo 1 recentemente estabelecido para as produções do estuário do Tejo (Sousa e Pimenta, 2014: 305-306). Trata-se de um tipo de contentor que imita ou se inspira nos protótipos meridionais da série 10 de Ramon Torres (1995) cujo fabrico, no centro da fachada atlântica peninsular, parece iniciar-se ainda numa fase consideravelmente antiga, possivelmente entre os finais do séc. VIII a.C. e inícios da centúria seguinte (Sousa e Pimenta, 2014: 305). Determinar a sua fase final desta produção é, contudo, um tema mais problemático. A presença desta forma no conjunto artefactual da Rua dos Correiros (Sousa, 2014) confirma a sua produção durante o séc. VI/inícios do séc. IV a.C., não sendo ainda possível determinar o momento exacto do desaparecimento deste tipo, que poderá ocorrer numa fase já consideravelmente avançada da Idade do Ferro.

O outro fragmento de bordo (n.º 2) corresponde a uma forma já mais tardia, integrável no Tipo 3 (Sousa e Pimenta, 2014: 306-308). A sua cronologia parece remontar à segunda metade do séc. VI a.C., atendendo à sua presença no conjunto artefactual da Sé de Lisboa (Arruda, 1999-2000: 119-120; Sousa, 2014: 96; Sousa e Pimenta, 2014: 306), sendo, contudo, mais frequente em contextos de meados do 1º milénio a.C., desaparecendo provavelmente num momento já tardio da Idade do Ferro (Sousa e Pimenta, 2014: 306-308).

Para além destes exemplares, contam-se ainda dois fragmentos de asas (n.º 22 e n.º 27) de secção oval com sulco na zona externa, característica típica das produções anfóricas do estuário do Tejo (Sousa, 2014: 105).

³ Agradecemos ao Centro de Arqueologia de Lisboa (CAL), concretamente ao Dr. António Marques e ao Doutor Rodrigo Banha, a disponibilidade e auxílio prestado durante a fase de análise dos materiais.

Resta ainda referir a presença de engobes que cobrem a superfície das ânforas identificadas na Rua da Madalena. Num dos casos (n.º 1), a superfície externa está coberta por engobe de tonalidade vermelha, apresentando na zona interna uma área pintada a branco. Engobes brancos surgem ainda na superfície externa de três outras peças (n.º 9, n.º 22 e n.º 27). Por fim, um outro exemplar (n.º 2) exhibe uma banda de cor vermelha acastanhada na zona superior externa do bordo.

3.2. Cerâmica de engobe vermelho

A cerâmica de engobe vermelho encontra-se representada por apenas três fragmentos, todos eles pertencentes a pratos. Destes, dois são fundos de perfil convexo, com engobe vermelho na área interna (n.º 3 e n.º 4), encontrando-se a superfície externa de um deles (n.º 3) recoberta por pintura branca. O restante fragmento corresponde a um bordo de difícil classificação atendendo ao seu estado de fragmentação, podendo eventualmente aproximar-se dos pratos do tipo 2 de Rufete Tomico (1988-1989). Esta peça encontra-se recoberta de engobe vermelho internamente e na zona superior do bordo. A parte inferior da zona externa exhibe ainda vestígios da aplicação de engobe branco. Peças de morfologias semelhantes são comuns no repertório cerâmico atribuível a fases antigas da ocupação sidérica de Lisboa, como se verifica na Travessa do Chafariz d'El Rei (Filipe, Calado e Leitão, 2014), na Sé de Lisboa (Arruda, 1999-2000) e na Rua de São Mamede ao Caldas (Pimenta, Silva e Calado, 2014), com cronologias que se estendem, grosso modo, entre os séculos VII e VI a.C.

3.3. Cerâmica cinzenta

A cerâmica cinzenta também é escassa, contando com apenas quatro fragmentos. Destes, dois (n.º 5 e n.º 28) pertencem a tigelas de perfil hemisférico do tipo 1Aa da Rua dos Correiros (Sousa, 2014: 133-134), cuja cronologia cobre praticamente toda a ocupação sidérica não só do estuário do Tejo mas também de outras áreas peninsulares com ocupações de cariz orientalizante.

Um outro fragmento (n.º 23) enquadra-se nos pratos de perfil carenado do tipo 2Ab (Sousa, 2014: 137), sendo uma forma característica, de acordo com os dados actualmente disponíveis, de meados do 1º milénio a.C., surgindo também entre o conjunto artefactual da Travessa do Chafariz d'El Rei (Filipe, Calado e Leitão, 2014: 743).

O restante fragmento corresponde a um pequeno pote do tipo 3Ba (n.º 29), destinado provavelmente ao consumo individual de líquidos, cujo fabrico, amplamente difundido na área do estuário do Tejo, parece iniciar-se também nesse mesmo período (Sousa, 2014: 139-140).

3.4. Cerâmica comum e pintada

A cerâmica comum e pintada em bandas é a categoria mais bem representada neste conjunto.



Figura 4 - Plano de pormenor das estruturas da Idade do Ferro identificadas na sondagem 2.



Figura 5 - Plano de pormenor das estruturas da Idade do Ferro identificadas nas sondagens 6, 7 e 8.

Em primeiro lugar, deve destacar-se a presença significativa de recipientes fechados que recordam os perfis dos *pithoi*. Destes, apenas um (n.º 8) é seguramente enquadrável nesta forma, uma vez que conserva ainda parte de uma das asas, que arranca da zona superior do bordo. Vários outros fragmentos (n.º 14, 15, 16, 17, 26, 34, 35, 36, 37) exibem perfis muito semelhantes sendo, contudo, difícil de determinar se ainda se possam considerar verdadeiros *pithos* ou formas de transição que evoluem a partir deste tipo e que se tornam características na área de Lisboa a partir, sobretudo, de meados do primeiro milénio a.C., sendo designadas por variante 10Bb, de acordo com a tipologia estabelecida para a Rua dos Correeiros (Sousa, 2014: 172). Com efeito, três fragmentos (n.º 7, 20, 21) podem ser enquadrados com facilidade nesta última forma, considerando a tendência claramente oblíqua da parede do colo. Por outro lado, deve ainda destacar-se, nestas morfologias, a recorrência da aplicação de bandas pintadas na superfície externa e internamente, junto ao bordo, em tons de negro, vermelho e branco. Vasos de características muito semelhantes foram documentados em outros contextos da colina do Castelo de São Jorge que se poderão datar em torno ao século VII e VI a.C., concretamente na Rua da Judiaria (Calado *et al.*, 2013, Sousa, *no prelo*), na Sé de Lisboa (Arruda, 1999-2000), e ainda com outros recolhidos na Travessa do Chafariz d'El Rei (Filipe, Calado e Leitão, 2014).

Outro tipo de recipientes fechados surge também neste conjunto. Trata-se de vasos com colo ligeiramente estrangulado e bordo esvertido e engrossado (n.º 13, 32, 33). O facto de não apresentarem grandes cuidados ao nível do tratamento das suas superfícies e o grau reduzido da depuração das suas pastas permitem considerar a possibilidade de corresponderem a recipientes utilizados sobretudo para a confecção de alimentos. Ainda que a evolução deste tipo de vasos não permita, até ao momento, grandes precisões cronológicas, particularmente para momentos anteriores ao século V a.C., deve assinalar-se que recipientes semelhantes foram identificados na Rua da Judiaria, em contextos que se podem datar em torno ao século VII ou VI a.C. (Calado *et al.*, 2013).



Figura 6 - Pormenor de um dos elementos pétreos da estrutura identificada na sondagem 7/8.

No grupo da cerâmica comum contam-se ainda alguns fragmentos de tigelas, de perfil hemisférico (n.º 6, 11), enquadráveis no tipo 1Aa da Rua dos Correeiros (Sousa, 2014: 151-152) e dois exemplares de paredes mais rectilíneas (n.º 24, 30) do tipo 1Ac (Sousa, 2014: 152). Um outro fragmento (n.º 31) parece corresponder a uma taça, exibindo um bordo de tendência invertida. Um fragmento de carena (n.º 12) foi também recuperado, podendo corresponder a uma tigela de perfil carenado do tipo 1B da Rua dos Correeiros (Sousa, 2014: 153-155). Deve assinalar-se que estes fragmentos de formas abertas apresentam sistematicamente as superfícies cuidadas, quer através do seu polimento quer através da aplicação de engobes ou aguadas brancas.

Entre os fragmentos aos quais não foi possível atribuir uma classificação segura contam-se quatro fragmentos de asas de secções quase bifidas (n.º 18, 38, 39, 40), com as superfícies externas recobertas de engobes ou aguadas brancas, que, muito provavelmente, pertenceram a vasos de tipo *pithoi*.

Por último, deve referir-se a recolha de dois fragmentos de fundo, um deles convexo (n.º 19), provavelmente pertencente a um recipiente fechado, e um outro plano (n.º 25).

4. Discussão

O conjunto artefactual recolhido no decurso das intervenções arqueológicas realizadas na Rua da Madalena permite acrescentar alguns dados novos para a caracterização da ocupação da Idade do Ferro da antiga cidade de Lisboa.

Os materiais recuperados, todos de produção local, parecem remeter para uma cronologia centrada entre momentos tardios do século VI a.C. e a primeira metade da centúria seguinte. Com efeito, as características dos recipientes anfóricos, da cerâmica de engobe vermelho e mesmo de uma parte significativa da cerâmica comum, em particular os recipientes que se assemelham aos vasos de tipo *pithoi*, são compatíveis com a cronologia proposta.

Apesar do conjunto ser pouco expressivo em termos quantitativos, deve assinalar-se a ausência de ânforas com características morfológicas que consideramos serem típicas na área do Estuário do Tejo a partir dos meados do 1º milénio, como é o caso dos tipos 2, 4 e 6 definidos em trabalho recente (Sousa e Pimenta, 2014), como se verifica, por exemplo, no espólio da Rua dos Correeiros, cuja datação se centra entre o século V e inícios do século IV a.C. (Sousa, 2014, p. 214). Por outro lado, os tipos 1 e 3, representados no conjunto presentemente analisado, são perfeitamente compatíveis com uma cronologia da segunda metade do século VI /primeira metade do século V a.C. (Sousa e Pimenta, 2014).

No caso da cerâmica de engobe vermelho torna-se mais difícil uma caracterização cronológica, atendendo à pouca representatividade deste conjunto cerâmico. No entanto, as características dos dois fundos de pratos da Rua da Madalena poderiam também enquadrar-se na baliza de

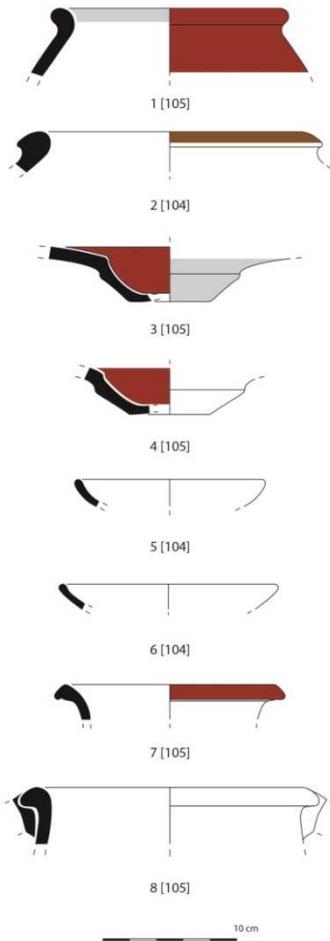


Figura 7 - Materiais da Idade do Ferro recolhidos na sondagem 1.

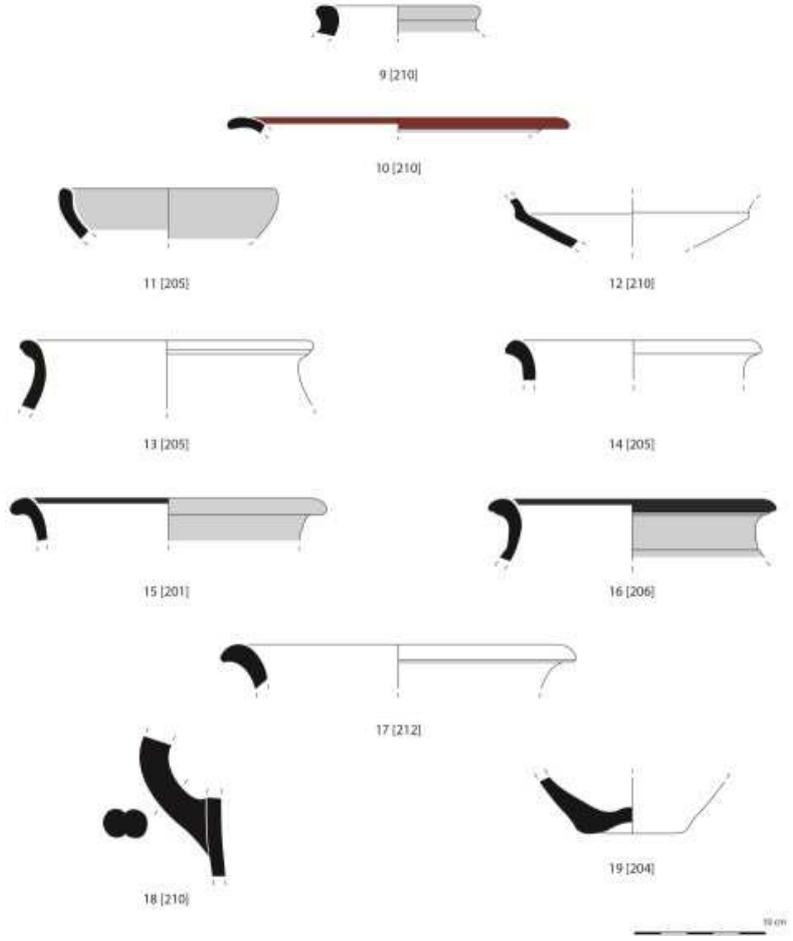


Figura 8 - Materiais da Idade do Ferro recolhidos na sondagem 2.

ocupação proposta, uma vez que exibem características que se encontram, até ao momento, ausentes em conjuntos mais tardios, concretamente na Rua dos Correiros (Sousa, 2014). De facto, os fundos de cerâmica de engobe vermelho deste último sítio exibem perfis mais evolucionados, frequentemente marcados por múltiplas caneluras e um pé alto e desenvolvido, tendo sido atribuídos a páteras (Sousa, 2014: 123-124). Em relação ao fragmento de bordo, que poderá eventualmente aproximar-se do tipo P2 estabelecido por Rufete Tomico (1988-1989), deve referir-se que as produções desta categoria cerâmica no estuário do Tejo não se encontram ainda devidamente sistematizadas, especialmente nas fases mais antigas, e que a sua evolução poderá seguir tendências específicas desta área regional, pelo que a extrapolação das cronologias estabelecidas para a zona meridional da Península Ibérica deve ser feita com alguma prudência. Podemos, contudo, indicar que formas semelhantes surgem com abundância na Sé de Lisboa, cuja cronologia de ocupação proposta se centra na segunda metade do século VI a.C. (Arruda, 1999-2000: 119-120), ainda que surjam também em momentos mais tardios (Sousa, 2014: 121-122).

Situação algo semelhante verifica-se no caso da cerâmica cinzenta da Rua da Madalena. As tigelas de perfil hemisférico (tipo 1Aa da Rua dos Correiros) são transversais a praticamente toda a ocupação sidérica. O prato de perfil carenado (tipo 2Ab) e o pequeno pote (tipo 3Ba) parecem ser, contudo, morfologias que surgem no repertório artefactual do estuário do Tejo em fase mais tardia, durante os meados do 1º milénio a.C. (Sousa, 2014: 137, 139-140).

No conjunto da cerâmica comum, as características de grande parte dos vasos fechados, que se assemelham ainda aos recipientes de tipo *pithoi*, devem ser consideradas para a definição das balizas de ocupação sidérica da Rua da Madalena. Em contextos um pouco mais tardios, como é o caso da Rua dos Correiros, estes vasos praticamente desaparecem, sendo substituídos por morfologias mais evolucionadas (tipo 10Ba e 10Bb), ainda que claramente inspiradas nesse protótipo. As próprias asas de secção bifida, que se devem associar a vasos de tipo *pithoi*, tão bem representadas na Rua da Madalena, deixam praticamente de fazer parte do espólio artefactual a partir do século V a.C. (Sousa, 2014: 180). A cronologia da ocupação da Idade

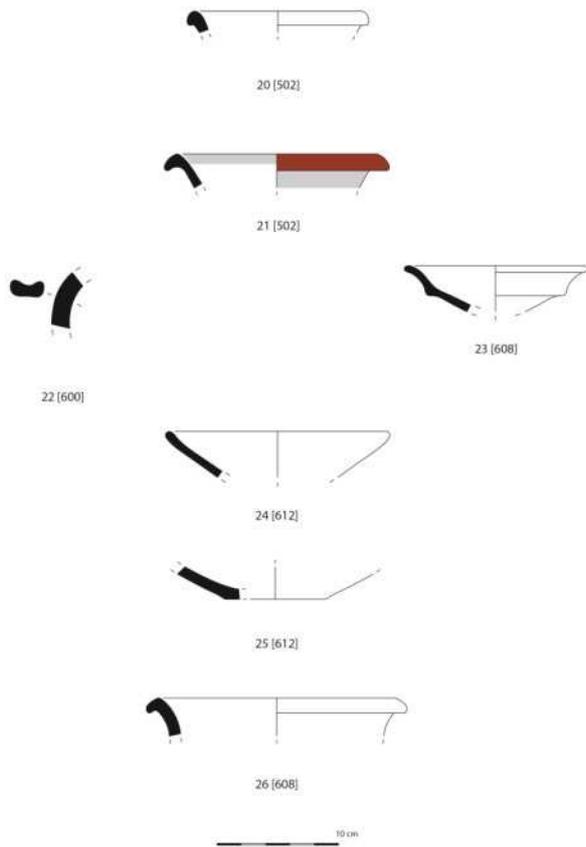


Figura 9 - Materiais da Idade do Ferro recolhidos nas sondagens 5 e 6.

do Ferro da Rua da Madalena parece, assim, enquadrar-se justamente neste momento de transição, apresentando elementos próximos das morfologias mais antigas mas também de fase mais recente (tipo 10Bb). Os restantes vasos de cerâmica comum (panelas e tigelas) não proporcionam outros dados relevantes na definição da cronologia de ocupação da Rua da Madalena, sendo as suas balizas de produção indefinidas ou consentâneas face à proposta apresentada. Resta por último referir a completa ausência de vasos de fabrico manual, situação que, aliás, ocorre com frequência nos contextos dos séculos VII e VI a.C. escavados no centro histórico de Lisboa (Arruda, 1999-2000; Calado *et al.*, 2013; Sousa, *no prelo*).

5. Conclusão

Os trabalhos arqueológicos da Rua da Madalena integram-se no quadro de intervenções de carácter preventivo em área urbana, tendo sido condicionados pelas várias limitações que essa mesma natureza implica. As restrições que se verificaram, quer em termos da extensão da área escavada, quer da sua profundidade, condicionada pela cota de afectação, dificulta a compreensão das fases urbanísticas, das relações entre os contextos identificados e mesmo a definição de balizas cronológicas precisas para os diferentes momentos de ocupação.

Apesar destas limitações, o estudo da componente artefactual aí recolhida parece indicar a existência de um espaço edificado, onde se associam estruturas de alvenaria e os respectivos pisos de ocupação, que parece ter sido ocupado entre os meados do século VI e provavelmente ainda durante a primeira metade do século V a.C. Não podemos, contudo, negar a eventual existência de ocupações mais antigas, considerando que a escavação foi condicionada pela cota de afectação da obra, não tendo sido possível atingir o substrato geológico em nenhuma das áreas intervencionadas.

Outros vestígios da ocupação sidérica nesta zona mais baixa da colina do Castelo de São Jorge encontram-se bem documentados, destacando-se as intervenções realizadas na Rua dos Correiros (Sousa, 2014), na Rua dos Douradores (Cardoso e Carreira, 1993) e também no antigo edifício da Zara (Ferreira, Jorge e Ramos, 2000). No entanto, os dados disponíveis para a caracterização cronológica destas ocupações parecem ser um pouco mais tardios, centrando-se, sobretudo, a partir de meados do 1º milénio a.C. (Sousa, 2014: 38). O conjunto artefactual da Rua da Madalena permite agora considerar que a extensão do núcleo de *habitat* da antiga Lisboa em direcção a esta área mais baixa ocorre ainda em momentos tardios do século VI a.C., ao contrário do que foi recentemente proposto (Sousa, 2014: 38), sendo provavelmente coeva das ocupações detectadas na Sé de Lisboa (Arruda, 1999-2000), na Rua da Judiaria (Calado *et al.*, 2013) e do Castelo de São Jorge.

Mais uma vez, e como se observa um pouco por toda a área da colina do Castelo, as evidências associáveis à ocupação da Idade do Ferro de Lisboa revestem-se de uma clara matriz orientalizante, como denuncia a utilização e também a própria produção de vasos que ultrapassam as barreiras geográficas do Baixo Tejo e que são comuns a praticamente toda a paisagem do mundo Fenício Ocidental (ânforas, cerâmica de engobe vermelho, cerâmica cinzenta, vasos pintados em bandas). Deve, contudo, assinalar-se que o que presumimos corresponder às produções locais de Lisboa denotam algumas características mais típicas desta área (ainda que não exclusivamente), como é o caso da aplicação de engobes brancos nas superfícies das cerâmicas de engobe vermelho e nas morfologias da cerâmica cinzenta e dos contentores anfóricos. Estes indícios, que se observam já no conjunto presentemente analisado, irão tornar-se particularmente evidentes a partir dos meados do 1º milénio a.C., período a partir do qual se verifica uma verdadeira “regionalização” da cultura material da foz do estuário do Tejo (Sousa, 2014).

Como nota final, pensamos ser ainda relevante indicar que os estratos associáveis à ocupação da Idade do Ferro da Rua da Madalena se encontram praticamente à superfície do solo actual, não se tendo documentado vestígios do nível de areia que delimita o final da ocupação sidérica da Rua dos Correiros (Bugalhão, 2001; Sousa, 2014), localizada em área consideravelmente próxima, o que pode indicar que este fenómeno se limita a um espaço muito localizado, nas zonas mais próximas à antiga ribeira.

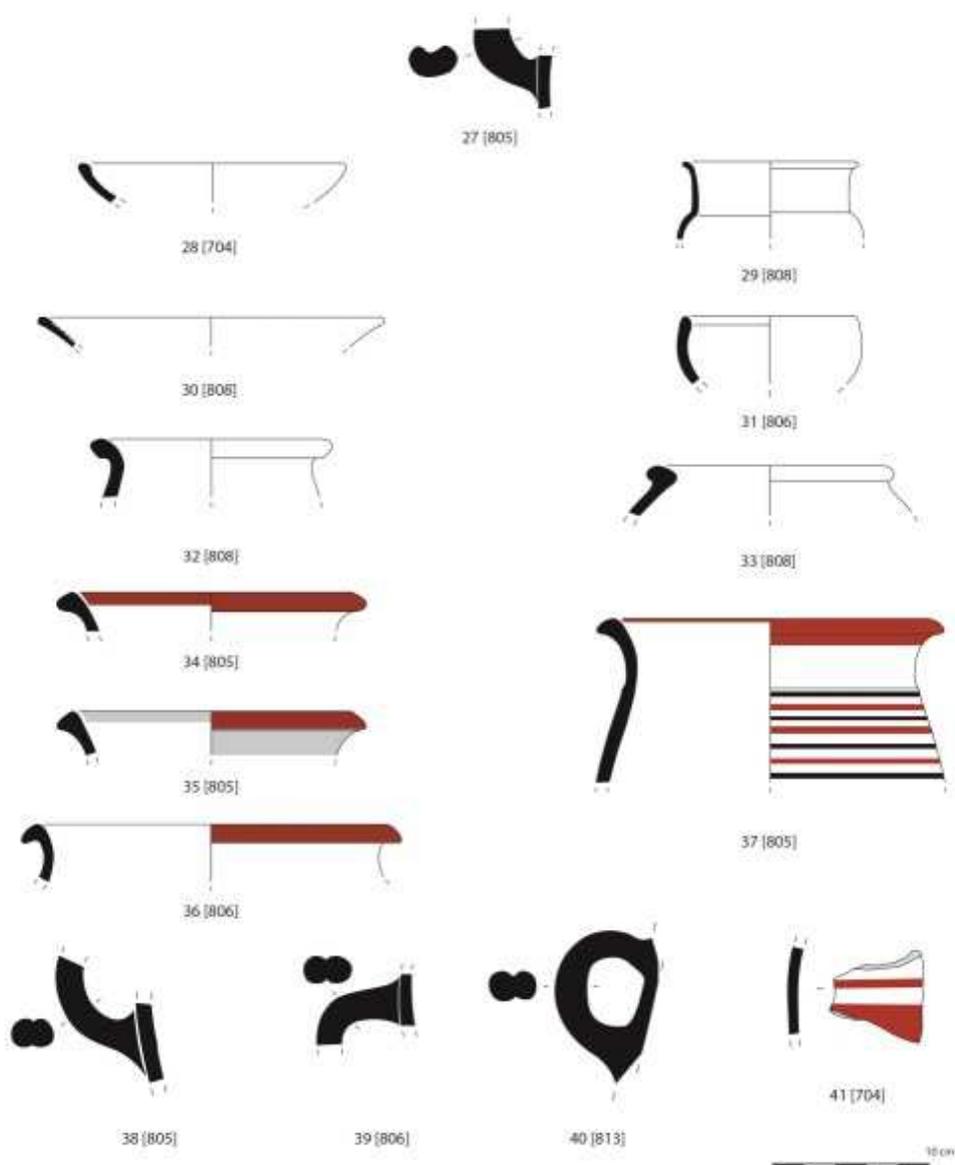


Figura 10 - Materiais da Idade do Ferro recolhidos nas sondagens 7 e 8.

Referências bibliográficas

ARRUDA, A. M. (1999-2000), *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*, Barcelona, Publicaciones del Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra (Cuadernos de Arqueología Mediterránea, n.º 5-6).

BUGALHÃO, J. (2001), *A indústria romana de transformação e conserv de peixe em Olisipo, Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros*, Lisboa.

CALADO, M.; ALMEIDA, L.; LEITÃO, V.; LEITÃO, M. (2013), "Cronologias absolutas para a Iª Idade do Ferro em Olisipo – O exemplo de uma ocupação em ambiente cârsico na actual Rua da Judiaria em Alfama, *Cira – Arqueologia*, Vila Franca de Xira, 2, p. 118-132.

CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. (1993), *Le Bronze Final et le début de l'Âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage. Méditerranée*. Lisboa, 2, pp. 193-206.

FERNANDES, L.; MARQUES, A.; FILIPE, V.; CALADO, M. (2011), "A transformação de produtos piscícolas durante a Época Romana em Olisipo: o núcleo da Rua dos Bacalhoeiros (Lisboa)", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, 14, p. 239-261.

FERREIRA, M.; JORGE, A.; RAMOS, R. (2000), *Zara – Rua Augusta (Lisboa). Relatório final da escavação de salvamento arqueológico*.

FILIPE, V.; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2014), "Evidências orientalizantes na área urbana de Lisboa: o caso dos edifícios na envolvente da Mãe de Água do Chafariz d'El Rei", In Arruda, A. M. (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e mar*, Lisboa, vol. 2, p. 736-746.

PIMENTA, J.; SILVA, R. B.; CALADO, M. (2014), "Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. A intervenção da Rua de São João da Praça", In Arruda, A. M. (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e mar*, Lisboa, vol. 2, p. 724-735.

RAMON TORRES, J. (1995), *Las anforas fenicio-púnicas del*

Mediterrâneo central e occidental, Barcelona, Universitat.

RUFETE TOMICO, P. (1988-1989), "Las ceramicas com engobe rojo de Huelva. *Huelva Arqueologica*", Huelva, X-XI: 3, p. p. 10-40.

SOUSA, E. (2014), *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo*, Estudos e Memórias, 7, Lisboa, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

SOUSA, E. (no prelo), The Iron Age occupation of Lisbon.

SOUSA, E.; PIMENTA, J. (2014), "A produção de ânforas no Estuário do Tejo durante a Idade do Ferro", In MORAIS, R., FERNÁNDEZ SOUSA, M. J. (eds.), *As Produções Cerâmicas de Imitação na Hispânia. Monografias Ex Officina Hispana II*, Porto, 1, p. 303- 316.